

Professores do Departamento de Artes Cênicas antecipam experimentação prática de alunos

Da coxia à ribalta, muito antes do diploma

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Um elenco de 23 alunos do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes (IA) da Unicamp está trabalhando na montagem de uma peça de teatro inspirada no livro *Galvez, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza. Não se trata, no entanto, de mais uma simples montagem teatral para obtenção de nota de final de curso. O trabalho inaugura uma nova estrutura do curso de artes cênicas, que sofreu algumas modificações para possibilitar que os alunos tenham *know-how* profissional antes mesmo de deixar os bancos da faculdade.

Trabalho inaugura nova estrutura

Anteriormente o curso de artes cênicas se desenvolvia em três anos com trabalhos teórico-práticos e, apenas no último ano, o aluno passava por uma experiência da montagem de uma peça.

“Na revisão do processo pedagógico do nosso curso, percebemos que a experimentação prática, por parte dos alunos, deveria ser antecipada, de modo que esse processo pudesse ser acompanhado de perto pelos professores”, explica o professor Márcio Aurélio, responsável pelo Projeto Integrado e Criação Cênica, e docente da disciplina de Improvisação 1: a Palavra, do Instituto de Artes (IA-Unicamp).

Nesse curso, ministrado no IA, os alunos conseguem adquirir uma experiência muito mais abrangente, “que possibilita uma visão bastante ampla dos exercícios que naturalmente envolvem uma peça teatral para o ator que estamos formando, e não com uma perspectiva restrita como antes”. Hoje, nos primeiros dois anos de curso, os alunos aprendem tudo sobre técnica, prática e teoria do teatro e, já no primeiro semestre do terceiro ano, têm condições suficientes para trabalhar na primeira montagem, que consiste na criação de um espetáculo, a partir de um material não dramático, que pode ser um romance, um poema ou uma fotografia. A partir daí, os alunos são colocados num embate envolvendo o cotidiano do desenvolvimento do trabalho ou de idéias, onde aprendem a dinâmica do trabalho coletivo, que é a base do teatro.

No segundo semestre do terceiro ano, muda-se a estrutura: os alunos passam a ter a incumbência de trabalhar em cima de um texto épico como narrativa. Segundo o professor Márcio, a partir desse texto épico já começa a se configurar mais claramente o propósito,

não só o tipo, mas também a constituição do personagem. É no quarto ano que os alunos vão trabalhar um texto clássico, seja do realismo ou da tragédia clássica grega. “Trata-se de um texto mais complexo onde se fixam verdadeiramente os componentes que vão compor o personagem, por meio dos quais os alunos podem contextualizar o seu aprendizado”, diz ele.



O diretor Márcio Aurélio: alunos contextualizam aprendizado

Peça retrata conflito histórico

Galvez, o Imperador do Acre é uma adaptação livre do livro homônimo de Márcio Souza, lançado em 1976. O livro, aclamado pela crítica, é um folhetim humorístico que, ao mesmo tempo, evidencia a capacidade de o autor refletir no relato de acontecimentos importantes do passado e do presente caótico da realidade brasileira e latino-americana.

A peça encenada pelos estudantes de Artes Cênicas, assim como no livro, retrata – ao som de muita música brasileira –, um período do Brasil que envolve uma questão séria no Estado do Acre: o problema da exploração da borracha, elemento extremamente promissor para o desenvolvimento do Amazonas e do Acre.

De acordo com Márcio Aurélio, o livro narra um período em que o Brasil teve sérios atritos com a Bolívia, motivados por questões territoriais. Não se sabia, ao certo, a respeito dos limites, e os eventuais acordos entre os dois países eram um tanto complicados. “A gente tenta, com a peça, retratar um momento histórico do Brasil que pouca gente conhece, que foi a criação do Império livre do Acre”, diz.

Fotos: Neldo Cantanti



Alunos do Departamento de Artes Cênicas durante ensaio de *Galvez, o Imperador do Acre*: adquirindo *know-how* profissional



Ferramenta prevê ocorrência de inundações e enchentes

Foto: Antoninho Perri

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Modelo hidrológico híbrido desenvolvido para a tese de doutorado do físico Fernando Sérgio Amaral, a ser defendida no dia 11 de julho junto à Faculdade de Engenharia Civil (FEC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), traz contribuições para a previsão do escoamento da água da chuva para pequenas bacias rurais. A partir de dois modelos já conhecidos, o TOPMODEL (Topography Based Hydrological Model) e o HUIG (Hidrograma Unitário Geomorfológico), o autor concebeu o TOPMODIF, cujas medidas de eficiência ficaram um pouco abaixo do recomendado pela literatura (62% contra 70%, respectivamente). “Apesar disso, em alguns eventos o índice ficou acima do patamar sugerido, o que coloca o novo modelo numa direção promissora”, explica o autor.

Um modelo hidrológico pode ser definido como uma representação matemática do fluxo de água sobre alguma parte da superfície e/ou subsuperfície terres-

tre. Trata-se de uma ferramenta importante para a realização de previsões hidrológicas, como a probabilidade da ocorrência de enchentes ou transbordamentos de barragens. O TOPMODIF, conforme o seu criador, congrega a leitura fisiográfica feita pelo HUIG e a modelagem da fase terrestre do ciclo hidrológico realizada pelo TOPMODEL. Para validá-lo, Coelho tomou para estudos três bacias rurais localizadas no Vale do Paraíba, no interior de São Paulo, com áreas de 38, 67 e 184 quilômetros quadrados.

Foram usados cinco eventos por bacia, cada um compreendendo um período de 30 dias. Cada evento, segundo Coelho, foi rodado três mil vezes no computador. Numa primeira etapa, o pesquisador gerou hidrogramas tanto no TOPMODEL quanto no TOPMODIF. Depois, comparou-os com os hidrogramas observados, ou seja, com os dados já conhecidos acerca da quantidade de chuva e do seu reflexo nas bacias. “O modelo TOPMODEL apresentou melhores resultados em relação do TOPMODIF, porém os valores ficaram bem próximos”, diz o autor do trabalho. As variáveis e os dados de entrada uti-

lizados para compor esse tipo de representação matemática, esclarece Coelho, são múltiplos e complexos. Entre as variáveis estão o decréscimo exponencial da transmissividade da água conforme a profundidade do solo, o tempo de resposta da zona saturada (região abaixo do lençol freático onde os poros ou fraturas da rocha estão totalmente preenchidos por água) e a capacidade de água disponível na zona das raízes das plantas. Os dados de entrada compreendem a precipitação, a vazão e a evapotranspiração potencial, que é a quantidade máxima de evaporação e transpiração que ocorreria se o solo dispusesse de suprimento de água suficiente.

São considerados, ainda, outros fatores, uma vez que do ponto de vista hidrológico o solo atua como vários reservatórios distintos. Exercem influência, nesse caso, a cobertura vegetal e o refluxo da água, apenas para citar dois exemplos. Coelho afirmou que pretende continuar trabalhando no aperfeiçoamento do novo modelo hidrológico, de modo a torná-lo mais eficiente. A tese de doutorado, que contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), foi orientada pelo professor Valter Hernandez.

Modelo é importante para previsões hidrológicas



O físico Fernando Sérgio Amaral: bacias rurais como base do estudo